

O SENSACIONISMO É UM NÃO-EXISTENCIALISMO

Nuno Hipólito

(IEMO Grupo Interdisciplinar de Estudos Pessoaanos e Modernistas)

Filosofia; Sensacionismo; Existencialismo; Sartre; Wittgenstein

É de conhecimento comum – da leitura literal deixada sobretudo em diários – que a filosofia teve uma notória influência num jovem Fernando Pessoa, desejoso de conhecimento e direcção. Até hoje essa influência tem sido considerada como circunscrita ao período de 1906-08, tempo em que frequenta o Curso de Letras e a casa do seu tio Henrique Rosa. No entanto vemos como Pessoa nunca deixa de pensar filosoficamente, sobretudo enquanto escreve no *Livro do Desassossego* ou cria correntes literárias como o Sensacionismo. A importância de revelar uma filosofia Pessoaana nada tem a ver com a reafirmação do seu génio, muito menos traz consigo o propósito de mais uma vez por em causa a origem dos heterónimos. Tem, isso sim, o objectivo claro de colocar à disposição dos investigadores contemporâneos, pistas claras para ultrapassar os limites da filosofia da linguagem que, desde Wittgenstein, têm sufocado o livre-pensamento na Europa.

I

No dia 29 de Outubro de 1945, no Club Maintenant em Paris, o filósofo Francês Jean-Paul Sartre realizou uma conferência intitulada «O Existencialismo é um Humanismo»¹ defendendo o Existencialismo contra as críticas dos seus já fortes oponentes – nomeadamente Marxistas e Católicos. Não seria a última vez que Sartre sentiria a necessidade de defender as suas teorias porque, no próprio ano da sua morte – 1980 - seriam

¹ Jean-Paul Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, Nagel, 1946

publicadas no jornal *Le Nouvel Observateur* uma série de entrevistas² com Benny Lévy que constituem, para muitos, uma quase inteira negação dos conceitos-base do Existencialismo ateísta. A base dessa defesa? A questão da esperança, ou melhor, a falta dela nos sistemas filosóficos individualistas.

A esperança está relacionada directamente com a acção e mais propriamente com o resultado primordial da acção: a ansiedade ou a angústia. Sartre parece ter chegado à conclusão que o seu Existencialismo – uma teoria que defende a total liberdade do ser em se definir a si mesmo, baseando-se no princípio da existência antes da essência – não deveria obrigatoriamente condenar o homem ao desespero dessa mesma liberdade ilimitada que, inevitavelmente, não proporcionava só por si o resultado final esperado.

O Existencialismo não foi só de Sartre, mas foi Sartre que o desenvolveu tecnicamente e lhe deu relevância e credibilidade. Antes dele, Kierkegaard e Nietzsche tinham-lhe dado início e génio. Vejamos que o Existencialismo não é uma escola do Pós-Guerra, antes uma teoria que nasce na viragem do Século XIX para o Século XX. Kierkegaard morre em 1885 e Nietzsche em 1900. Enquanto escola de pensamento, o Existencialismo revolta-se contra o papel do indivíduo diluído e oprimido pela sociedade e pela religião e só depois se desenvolve para dar o papel principal ao próprio indivíduo – desta forma impondo o subjectivismo ao objectivismo da escola Positivista.

Levando em consideração o tardio (e ainda hoje paradoxal) “arrependimento” de Sartre na direcção de Levinas, o Existencialismo permanece, no Pós-Guerra, uma presa fácil para as escolas Analíticas Inglesas e Austríacas devido ao vácuo moral e ético em que deixa o indivíduo. A Europa em reconstrução aceita mais rapidamente o abraço reconhecido, mas apertado, do Positivismo do que a aventura angustiante e literária do Existencialismo ateísta. Kierkegaard tinha chamado a atenção para a angústia do indivíduo, Nietzsche tinha tentado sanar essa angústia niilista matando a importância de Deus em favor do homem; a Sartre caberia a função ingrata de solucionar o que seria uma moral ateísta sem Deus e sem

² Cf. *Le Nouvel Observateur*, 10, 17 e 24 de Março de 1980. Embora constituam ainda objecto de debate intenso entre os seguidores da obra de Sartre, estas entrevistas são geralmente consideradas como uma síntese mais ou menos aproximada das últimas ideias do pensador Francês, que parece ter ficado satisfeito com a polémica causada pelas mesmas.

o “outro”. Entretanto o novo Positivismo trazia um novo Deus – a ciência – e a filosofia, erodida pela lógica de Wittgenstein, perdia cada vez mais utilidade e força.

II

Pessoa podia, em teoria, ter sido exposto às ideias Existencialistas e Analíticas do seu tempo. Os principais membros dessas escolas escrevem no período em que o próprio Pessoa escreve ou então imediatamente antes. *Assim Falava Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche é publicado em Inglês, em 1895. *Principia Mathematica* de Alfred North Whitehead e Bertrand Russell aparece em 1910 e o *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein é traduzido para Inglês em 1922. No início dos anos 30 surgem as primeiras traduções Inglesas de Søren Kierkegaard e pré-existencialistas como Heidegger começam a chegar a Portugal³.

No entanto, e apesar de se conhecer a sua insaciável curiosidade, de todos os filósofos citados, apenas se encontram escritos de Pessoa sobre Nietzsche. Pessoa tê-lo-á conhecido sobretudo através de compêndios de filosofia que possuía na sua biblioteca – leituras portanto secundárias, embora se contenda que chegou a ler pelo menos *Assim Falava Zaratustra* na tradução para Espanhol⁴. Nada se encontra sobre Wittgenstein ou Kierkegaard. Sobre Russell, referências mínimas, como por exemplo na obra de Cyril Joad, uma primeira edição de 1928 intitulada *Great philosophies of the world*. De resto, apenas um vestígio completo da escola lógica na biblioteca pessoal: uma obra de Alfred North Whitehead publicada em 1911 e intitulada *An introduction to mathematics*⁵.

A falta de obras filosóficas destes autores na sua biblioteca pessoal, embora apenas prova circunstancial, serve para ilustrar um interesse na filosofia pura ou teórica que foi apenas passageiro. Bem sabemos que Pessoa lia muitos livros em ambiente de biblioteca,

³ Cf. Miguel Real, *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*, p. 301 e ss., INCM, 2011

⁴ Cf. António Pina Coelho, *Os Fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*, p. 155, Verbo, 1971; António Azevedo, *Pessoa e Nietzsche*, Instituto Piaget, p. 13 e ss., 2005; «Nietzsche» in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Caminho, 2008; Nuno Ribeiro, *Fernando Pessoa e Nietzsche: O pensamento da pluralidade*, p. 49 e ss, Verbo, 2011.

⁵ Cota: CFP 5-33

sobretudo na sua juventude, e que vendia ou trocava outros livros que possuía, mas restaram, julgo eu, aqueles essenciais até ao final da sua vida – e entre eles, quase nenhuns de filosofia pura, senão compêndios⁶.

Parece evidente que o interesse de Pessoa pela filosofia pura foi – tecnicamente falando – restrito no tempo e relativamente pouco aprofundado. Esse interesse toma-lhe menos de dois anos, entre Outubro de 1905 e Junho de 1907, altura em que com 17 anos, frequenta o Curso de Letras pouco depois de ter chegado a Lisboa da África do Sul. Como era hábito nele, o interesse por novas ideias foi intenso mas curto, tendo até percebido que a filosofia pura poderia ser um obstáculo à sua poesia: «Tenho de ler mais poesia, de modo a neutralizar um pouco o efeito da filosofia pura» (PESSOA, F., 1906: 32)⁷.

Esta frase-chave tirada de um diário e escrita a 26 de Março de 1906 será reforçada em 1909:

Eu era um poeta animado pela filosofia, não um filósofo com faculdades poéticas. Eu adorava admirar a beleza das coisas, delinear – imperceptivelmente através do assombrosamente pequeno - a alma poética do universo.

A poesia está em tudo – no mar e na terra, no lago e na margem do rio. Está na cidade também – não o neguem – isto é evidente para mim, aqui sentado: há poesia nesta mesa, neste papel, neste tinteiro; há poesia no ruído dos carros nas ruas, em cada minuto, cada momento comum, no movimento ridículo do trabalhador, que, no lado oposto da rua pinta a placa do talho (PESSOA; F., 1906: 22)⁸.

III

Como se pode defender um Pessoa-filósofo quando se prova facilmente que ele não desempenhou qualquer papel na discussão filosófica contemporânea? Os seus escritos filosóficos puros são pouco mais do que resumos de um universitário de primeiro ano, sem qualquer nexos comunicante entre si.

⁶ Para o confirmar, basta uma consulta ao conteúdo filosófico da sua biblioteca, disponível em formato digital em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/classe/2.htm>

⁷ Fernando Pessoa, *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, p. 32, Assírio & Alvim.

⁸ Fernando Pessoa, *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*, p. 22, Publicações Europa-América. A tradução é nossa do original em inglês.

Estas dúvidas levar-nos-ão, desde logo, a perguntar o que era a filosofia para Fernando Pessoa. Ele responde-nos, ainda em 1908, dizendo:

«O problema central da filosofia é a filosofia que a si própria se põe como problema.» Por que precisamos de filosofia?

A ideia fundamental do ser, ou da realidade, ou da verdade, eis o que procuramos na Filosofia. A Filosofia é a demanda do ser. O que é o Ser, o que é a realidade? Este é o problema da filosofia⁹ (PESSOA, F., 1908: 52).

É espantoso que estas duas ideias, a do “problema central da filosofia ser a própria filosofia” e a “colocação do ser enquanto principal demanda da filosofia” nunca tenham sido analisadas devidamente pela exegética Pessoaana. Isto porque a primeira antecipa os problemas enfrentados pela filosofia no pós-Guerra perante a ameaça da lógica e a segunda fornece pistas para o que será realmente “um poeta influenciado pela filosofia”.

Não há dúvidas que Pessoa se assume ao longo da sua obra como um escritor da existência mas não um filósofo existencialista *stricto sensu*. Aliás, a partir de 1909 dificilmente se diria que ele mantinha sequer um interesse concreto em filosofia pura. Ele rapidamente percebeu que a filosofia pura não lhe traria respostas, intuindo que a razão dessa impotência poderia residir no uso dado à linguagem, ou mais amplamente à linguagem poética. Ora, Pessoa nunca se deixou de interessar pela análise linguística, pelo contrário – é um tema central e contínuo na sua obra.

O que não foi ainda analisado plenamente foi a transferência de interesse e energia, da filosofia para a poesia e como ambas se complementam nas suas teorias linguístico-literárias, sobretudo no seu “ismo” principal: o Sensacionismo. Veremos como essa transferência terá estado na origem das principais aventuras ontológicas de Fernando Pessoa através dos seus heterónimos, tendo culminado num sistema filosófico que nada já tinha de filosofia pura, mas antes era uma total e coerente teoria do pensamento poético.

Se “a poesia está em tudo” é através da poesia que se chegará a tudo. Mas como? Wittgenstein tinha já questionado a conexão consciência-realidade, interpondo a linguagem entre as duas e impondo rígidas regras lógicas a essa mesma linguagem, que exigiam o silêncio quando nada podia ser dito¹⁰.

IV

⁹ Fernando Pessoa, *À Procura da Verdade Oculta*, p. 52, Publicações Europa-América.

¹⁰ A passagem em questão é a seguinte: “Sobre o que não se pode falar, deve-se fazer silêncio.” Cf. Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 7, p. 90, Kegan Paul, Trench, Trubner. London, 1922. E em correlação: “Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”, *ob.cit.*, 5.6, p. 74. Em ambos os casos é nossa a tradução do Inglês.

Antes de esclarecermos o papel da poesia no sistema filosófico Pessoaano, devemos começar por analisar como Pessoa se propôs à “demanda do ser” – que ele indicara como principal dever da filosofia.

Toda a obra de Pessoa é de base ontológica, desde logo porque se baseou na criação de personagens que não eram ele e que, como ele próprio disse, retiravam dele as suas qualidades para o deixar como o resto dessa mesma subtracção. Assim escreve Pessoa a Casais Monteiro no início de 1935:

[...] pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples¹¹! (PESSOA, F., 1935)

De forma similar, a vida de Pessoa resumia-se muitas vezes a uma dramatização de si mesma, transformando-o num interior sem exterior. Citando agora o *Livro do Desassossego*:

Ah, compreendo! O patrão Vasques é a Vida. A Vida, monótona e necessária, mandante e desconhecida. Este homem banal representa a banalidade da Vida. Ele é tudo para mim, por fora, porque a Vida é tudo para mim por fora. E, se o escritório da Rua dos Douradores representa para mim a vida, este meu segundo andar, onde moro, na mesma Rua dos Douradores, representa para mim a Arte. Sim, a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver, que é tão monótona como a mesma vida, mas só em lugar diferente. Sim, esta Rua dos Douradores compreende para mim todo o sentido das coisas, a solução de todos os enigmas, salvo o existirem enigmas, que é o que não pode ter solução¹². (PESSOA, F., 350)

Existia, no seu quotidiano, uma distinção clara entre o que ele era e o que ele fazia, se quisermos, entre a sua existência e a sua essência. A Rua dos Douradores, por coincidência ou não, a rua mais escura da baixa Lisboeta, simboliza o Universo e no Universo há lugar para a Vida e para a Arte, para o real e para o ideal.

Não é de estranhar que ele pudesse aparecer aos amigos ou conhecidos como um dos heterónimos, porque eles afinal nada mais eram do que uma parte dele; como o emprego itinerante nos escritórios, dentro e fora de horas, também era. Pessoa apenas deu

¹¹ Cf. Fernando Pessoa, *Correspondência 1923-1935*, p. 337 e ss., Assírio & Alvim

¹² Fernando Pessoa, *Livro do Desasocego*, Tomo I, p. 350, INCM

um nome mais concreto ao que nós todos sentimos também de forma incompleta – emotividade, frieza ou racionalidade, Campos, Caeiro ou Reis.

No que nos interessa analisar, nomeadamente como esta cisão na personalidade origina uma forma inovadora de filosofar, aproximamos a despersonalização Pessoa primeiro à duplicidade dentro-fora, interior-exterior. A explosão de personalidades-outros em Pessoa representa essencialmente a fuga da dor da realidade, tendo Pessoa calado o mais fundo de si em favor de outras vozes que não a sua. Não há verdade no exterior, apenas no interior, porque é no interior que todos os nossos sonhos vivem e se conquistam. A vida sonhada é uma vida em que o sonhador constrói a sua verdade, a sua realidade.

V

Vimos que a “demanda do ser” se consegue pela despersonalização. Não ser ninguém é ser tudo de todas as maneiras, experienciar o mundo de todas as formas e sentir todas as coisas de todas as formas. No entanto essa realização, essa operação ocorre através de uma virtualização da realidade exterior, usando o sonho.

O ajudante de guarda-livros que passa os dias a discriminar quantidades em livros enormes no armazém de fazendas, faz parte de um absurdo maior do que ele próprio – é o absurdo de haver a necessidade de termos empregos e funções. Mas, quando sonha a realidade, ele é o autor do *Livro do Desassossego* e tudo lhe é possível. O seu afastamento do mundo é radical, ao ponto de, progressivamente o mundo interior se sobrepor ao mundo exterior e ele mesmo se torna nada mais do que um elemento dessa construção infinita.

Todas as coisas no mundo exterior têm um paralelo interior. A realidade torna-se sonho; a acção, inacção; a posse, cansaço; o amor, contemplação. E a forma como o mundo interior é construído é pelo uso de uma linguagem própria.

O absurdo do mundo é tentarmos perceber o absurdo do mundo. Em vez disso, Pessoa deixa-nos a hipótese de refazermos o mundo, cada um de nós à nossa maneira. Sim, isso implica que nos afastemos do mundo exterior para o mundo interior, mas, no sentido em que nenhum mundo faz sentido, porque é que o mundo exterior é melhor do que o mundo interior?

A defesa do mundo interior segue um princípio de vitalidade individual, de *empowerment* do individuo à maneira existencialista, mas de forma extrema: para que ele possa viver a vida e não ser vivido por ela. É uma máxima não muito distante do que dizia Sartre quando colocava a existência antes da essência, decretando a necessidade da liberdade de escolha. Em Pessoa essa liberdade manifesta-se pelo sonho, porque sonhar é agir no interior com um sucesso impossível de alcançar no exterior. Sonhar é ser livre porque sonhar é uma libertação da realidade que nos oprime. Mas como podemos aprender a viver assim? Pessoa recomenda uma “educação sentimental” como primeiro passo, portanto uma

educação do sentimento, do resultado próximo das sensações exteriores; o “sentir as coisas mínimas extraordinária e desmedidamente”. Qual o objectivo desta maximização das “coisas mínimas”? É simples – a negação do “mais” que é o total do mundo exterior corresponde a um ascetismo, a uma recusa de tudo o que o mundo exterior oferece, exigindo que o indivíduo controle os seus desejos e os seus impulsos.

O primeiro passo a ser dado pelo sonhador é então o afastamento. O próprio Pessoa diz que a “liberdade é a possibilidade do isolamento”¹³. O segundo passo? Evitar o sofrimento conhecendo-o intimamente. O último passo – o terceiro como na tradição alquímica – é a depuração da sensação pela inteligência para que tome uma forma literária. Podemos resumir todos estes passos num único: o pensamento mata a acção e a literatura dá forma visível a essa morte.

A necessidade da escrita em Pessoa parece então surgir da necessidade de analisar as suas sensações para as transformar em sonhos. E cada pequena sensação poderá estar na origem de um grande sonho e, por consequência, de um grande texto como “Na floresta do Alheamento” ou “Viagem nunca feita”.

VI

No fundo da realidade sonhada está a sensação. Mas a realidade interior pode ser resumida e constituir-se apenas de sensações ínfimas de si mesma? A resposta a esta questão é dada no enquadramento do Sensacionismo Pessoaano.

Estes são os três princípios do Sensacionismo:

1. Todo o objecto é uma sensação nossa.
2. Toda a arte é a conversão duma sensação em objecto.
3. Portanto, toda a arte é a conversão duma sensação numa outra sensação¹⁴. (PESSOA, F., 168)

Ao dizer que “todo o objecto é uma sensação nossa” e que “toda a arte é a conversão de uma sensação em objecto”, Pessoa parece estar a dar-nos um manual para a desconstrução da realidade em si mesma em objectos transferíveis de fora para dentro. Ele acredita que é possível pegar em sensações exteriores (os objectos) e transformá-las em sensações interiores (a literatura). Será necessário transferir toda a realidade exterior para a realidade interior? Não. O objectivo não é compreender o Universo, porque o Universo é incompreensível, mas antes construir o nosso próprio Universo.

¹³ Cf. Fernando Pessoa, *Livro do Desasocego*, Tomo I, p. 434

¹⁴ Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, p. 168, Ática

O Sensacionismo é assim o método da filosofia Pessoaana, a forma de processar a realidade para encontrar significados, em busca de uma verdade individual. Há que salientar que a verdade é sinónimo dessa mesma individualidade – cada um de nós constrói o seu Universo interior e dentro dessa realidade inviolável, a verdade tomará um sentido variável de acordo com o indivíduo que a imagina. O que distingue o Sensacionismo, para além da sua singularidade artística, é esta infinita variedade no que diz respeito à verdade.

O que representa isto para o indivíduo quando comparamos o Sensacionismo com o Existencialismo? Primeiro, o Sensacionismo não pretende ser uma filosofia no sentido clássico do termo. Quando encarado dentro do sistema mais amplo que o embarca, ele serve objectivos iguais mas distintos do Existencialismo. As declinações do Existencialismo acabaram por ser movimentos sociais, prolongando o sentimento individualista para a luta de classes; como se fosse realmente possível “pensar o homem a partir do zero”. A realidade das coisas é que o Existencialismo falhou a partir do momento em que forneceu a liberdade ao homem, porque o deixou sem ordem social ou moral. A filosofia não-existencialista parte de alguns princípios comuns, nomeadamente estabelecendo que o homem existe livre e determina a sua própria liberdade através de decisões individuais, mas essas decisões não são necessariamente feitas em sociedade. Aliás, a decisão essencial será apenas uma: a decisão de deixar de viver, no sentido em que esta “morte para o mundo” significa uma “morte para o mundo exterior”.

O que se apresenta ao mundo? Apenas uma máscara, ou mesmo várias máscaras, dependendo das necessidades. Criam-se outros que vivem por nós, enquanto nós somos sinceros e nós mesmos apenas no nosso mundo interior. Um mundo que não é imaginado do nada, mas feito da realidade transposta do exterior através do Sensacionismo.

A existência do ser no mundo exterior exige novos conceitos. Um deles será o que vamos chamar de “corpo estético”. Pessoa diz mesmo: “Vivo-me esteticamente em outro”¹⁵.

O objectivo alto do *Livro do Desassossego* é a teorização de uma vida plenamente estética, no sentido em que o ser é um ser-para-si-mesmo e simultaneamente um ser-para-o-mundo. Ontologicamente estas duas dimensões sobrepõem-se, mas a primeira é claramente a dominante. No entanto, e como é bom de perceber, é impossível ter uma existência puramente estética – nós existimos materialmente e expressamo-nos materialmente. Esse sonho, de uma existência puramente estética é, no entanto, presente em toda a obra de Pessoa – e em certa medida é o que ele pretende construir com a sua *coterie* de heterónimos, semi-heterónimos e pseudónimos.

VII

¹⁵ *Livro do Desasocego*, Tomo I, p. 35

O que é o Sensacionismo? É uma “filosofia estética”, é o próprio Pessoa que o diz¹⁶. O Sensacionista, enquanto homem superior, cansou-se da realidade comum e abdicou dela. Ficou-lhe um tédio imenso dessa mesma realidade, que se projecta numa decisão consciente de literalmente deixar de existir. O Sensacionista, porém, vai mais longe do que o Existencialista que se deixa consumir pelo tédio. O Sensacionista sonha a realidade que o cansa e desenha a sua própria realidade. A operação cognitiva não é racional, é emocional; precisamente porque nada de concreto se pode realizar no mundo exterior.

Se pudéssemos voltar por momentos à conferência de Sartre compreenderíamos agora melhor as críticas que lhe foram colocadas. Na verdade Sartre sentia que o Existencialismo não tinha defesa possível, precisamente por sentir a necessidade de o defender. Ele falhara porque não tinha solucionado um problema insolúvel: o que se faz com a liberdade total para que não se acabe no anarquismo?

Pessoa propõe-nos uma alternativa.

Essa mesma liberdade é uma liberdade individual mas apenas a ser exercida de forma individual, ou seja, sobre o próprio indivíduo que a reclama. A forma como ela é exercida apenas tem um objectivo, o de reconstruir o mundo exterior em forma de mundo interior, usando as sensações e o sonho como métodos. A escolha de deixar de viver no mundo exterior, substituindo-nos por máscaras de nós mesmos, anula a necessidade de existir uma moral ou qualquer outro princípio de vida. Por outro lado, mesmo a realidade metafísica se torna possível de ser vivida, por ser interior – o Sensacionista dirá: “o Deus sou eu”; porque, em essência, ele é o criador do seu próprio Universo.

O não-existencialismo assenta assim em bases individualistas e na decisão pessoal em recusar a realidade exterior em favor da realidade interior. O processo de transição fora-dentro opera-se através da literatura, usando a linguagem poética enquanto única linguagem possível como veículo artístico de transformação de objectos em literatura pelo sonho.

Perante as correntes lógicas e nomeadamente Ludwig Wittgenstein, Pessoa apresenta o que seria uma filosofia pós-existencialista e pós-analítica, que podia ser encimada pela máxima: “Se os limites da minha linguagem delimitam os limites do meu mundo, o meu mundo não tem limites porque se tornou a minha própria linguagem”.

¹⁶ Cf. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, 156

BIBLIOGRAFIA FINAL

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

PESSOA, Fernando (1989). *À Procura da Verdade Oculta*, Lisboa: Publicações Europa-América, 2ª edição

PESSOA, Fernando (1999). *Correspondência 1923-1935*. Lisboa: Assírio & Alvim

PESSOA, Fernando (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Lisboa: Assírio & Alvim

PESSOA, Fernando (2010). *Livro do Desasocego*. Lisboa: INCM

PESSOA, Fernando (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa: Ática

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AZEVEDO, António (2005). *Pessoa e Nietzsche*. Lisboa: Instituto Piaget

COELHO, António Pina (1997). *Os Fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo

SARTRE, Jean-Paul (1946). *L'Existentialisme est un humanisme*. Nagel

BLANCO, José (2008). *Pessoana*. Lisboa: Assírio & Alvim

WITTGENSTEIN, Ludwig (1922). *Tractatus Logico-Philosophicus*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner

REAL, Miguel (2011). *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*. Lisboa: INCM

RIBEIRO, Nuno (2011). *Fernando Pessoa e Nietzsche: O pensamento da pluralidade*. Lisboa: Verbo; RIBEIRO, Nuno (2012). *Fernando Pessoa, Philosophical Essays: A critical edition*. New York: Contra Mundum Press